



Vol. 27, nº 2 (2024)

**O ROMANCE *OS SUBSTITUTOS*, DE BERNARDO CARVALHO E A
REPRESENTAÇÃO DO COLONIZADOR NO PERSONAGEM FICCIONAL
“PAI”**

**THE NOVEL *THE SUBSTITUTES*, BY BERNARDO CARVALHO AND THE
REPRESENTATION OF THE COLONIZER IN THE FICTIONAL CHARACTER
“FATHER”**

Adriane R. M. Veronese¹
Edson Flávio Santos²

Recebimento do Texto: 19/07/2024

Data de Aceite: 15/08/2024

Resumo: Este artigo apresenta uma análise crítica e analítica do personagem “pai”, protagonista do romance contemporâneo “*Os Substitutos*” (2023), de Bernardo Carvalho. Neste estudo, serão observadas algumas características que compõem o gênero romanesco e seu personagem ficcional, em pleno regime militar brasileiro, nos anos de 1960. Em sua ficção, Carvalho nos apresenta o protagonista “pai”, um homem determinado a mudar seu *status* social e econômico. O pai é um típico pioneiro de sua época, pronto para ocupar terras devolutas, rifadas pelos militares da segunda metade do século XX. O foco deste estudo está na análise romanesca e na composição que forja o personagem principal, “pai”, buscaremos identificar os traços e o estilo correspondentes a um verdadeiro representante de colonizador. Diante desta proposta, teremos como base teórica os seguintes estudiosos: Bakhtin (1993), Bhabha (1998), Candido (2006), Fanon (2008), Memmi (1977), Said (2011), dentre outros.

Palavras-chave: Romance contemporâneo. Colonizador. Bernardo Carvalho. *Os Substitutos*.

Abstract: This article presents a critical and analytical analysis of the character "father," the protagonist in a contemporary novel "The Substitutes" (2023) by Bernardo Carvalho. In this study, we will observe some characteristics that compose the novel genre and its fictional character amidst the Brazilian military regime in the 1960s. In his fiction, Carvalho presents us with the protagonist "father," a man determined to change his social and economic status, who is in collusion with influential military figures. "The father", a typical pioneer of his time, ready to occupy vacant lands that were allotted by the military in the second half of the 20th century. The focus of this study is on the novelistic analysis and the composition that shapes the main character "father"; we will seek to identify the traits and the corresponding style of a true representative of a colonizer. In this proposal, our theoretical basis will be the following scholars: Bakhtin (1993), Bhabha (1998), Candido (2006), Fanon (2008), Memmi (1977), Said (2011), among others.

Keywords: Contemporary novel. Colonizer. Bernardo de Carvalho. *Os Substitutos*.

¹Doutoranda em Estudos Literários pelo PPGEL- Programa de Pós-graduação em Estudos Literários-UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso /Tangará da Serra – MT, adriane.veronese@unemat.br

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (UNEMAT/ PPGEL). E-mail: edsonflaviomt@gmail.com



Este artigo é fruto de inquietações pessoais e acadêmicas, geradas no decorrer da disciplina “Literaturas e Culturas Ibero-Afro-Americanas”, que compõem a ementa de ensino dos estudos para o doutorado pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários (PPGEL). Pesquisas, discussões, leituras e estudos, fomentados pelo material teórico apresentado no decorrer desse módulo, despertaram a necessidade de colocar em prática o germe da pesquisa e da produção escrita.

Tomamos como objeto de estudo o romance contemporâneo “Os Substitutos” (2023), de Bernardo Carvalho. Para realizar esta análise, teremos como aporte teórico para o gênero romance a concepção de Bakhtin (2015) e sua obra “Teoria do romance I: a estilística”, a qual trata o gênero literário como um complexo sistema de representação de linguagens vivas e polarizadas, e descreve a heterodiscursiva, as múltiplas vozes que ressoam na vida cotidiana da linguagem e se orquestram no discurso romanesco.

Este estudo tem como objetivo identificar e analisar as características do personagem ficcional de “Os Substitutos”, “pai”, o qual apresenta traços de estilo que se enquadram como um típico representante do colonialismo. Para isso, estudiosos como Memmi (1977), Fanon (2008) e Bhabha (1998) serão o aporte teórico deste artigo.

Este texto está estruturado em três seções, assim organizadas: na primeira, intitulada “1.O gênero literário e a técnica de Bernardo Carvalho: uma concepção Bakhtiniana”, refletimos sobre a técnica literária de Bernardo de Carvalho, na obra “Os Substitutos”, com foco no personagem principal, nomeado “pai”, e sua trajetória no enredo, à luz da concepção bakhtiniana de romance. Na segunda, “2. Análise crítica e reflexiva da obra de ficção brasileira “Os Substitutos” (2023)”, analisamos o discurso do colonizador, implícito no personagem “pai”, segundo as teorias de Fanon, Bhabha e Memmi. Na terceira, “3. Algumas reflexões sobre o romance contemporâneo de Carvalho e o colonialismo”, tecemos nossas considerações finais sobre a técnica romanesca de Carvalho, observando as características do personagem ficcional “pai”, que nos levam a caracterizá-lo como um representante ficcional do colonizador na obra.



1 O gênero literário e a técnica de Bernardo Carvalho: uma concepção bakhtiniana

A aventura é o relato de um mundo que nasce com a palavra que também o modifica. Não há antes, só depois. O relato modifica o mundo ao mesmo tempo que o cria, como se o mundo não existisse antes, como se não houvesse memória, só invenção.

(Bernardo Carvalho)

O autor Bernardo Carvalho acumula em seu currículo importantes prêmios pela criação de obras aclamadas e reconhecidas pela crítica nacional e internacional. Entre seus principais trabalhos, destacam-se: uma coletânea de contos, intitulada *Aberração* (1993); e os romances: *Onze* (1995), *Os Bêbados e os Sonâmbulos* (1996), *Teatro* (1998), *As Iniciais* (1999), *Medo de Sade* (2000), *Nove Noites* (2002), *Mongólia* (2003), *O Sol se Põe em São Paulo* (2007), *O Filho da Mãe* (2009), *Reprodução* (2013), *Simpatia pelo Demônio* (2016), *O Último Gozo* (2021), e *Os Substitutos* (2023). É importante destacar que esse autor foi vencedor de dois Prêmios Jabuti de Literatura, sendo um deles, em 2004, na categoria Romance, com a obra *Mongólia* (2003).

As narrativas de Bernardo de Carvalho proporcionam reflexões e discussões instigantes acerca da concepção de literatura de representação, do caráter artificial da arte e da maneira como a realidade é apreendida por esse escritor contemporâneo. Nelas, encontramos a representação de diversos personagens, em constante estado de trânsito, muitos fora do seu espaço natural, fustigados, incomodados, buscando uma mudança de vida, social e econômica, ou, então, vivendo suas crises existenciais, de acordo com sua época.

Algumas das técnicas literárias Carvalho tornaram-se recorrentes em seus textos. Dentre elas, podemos citar a forma de nominar seus personagens ficcionais que, frequentemente, não possuem nomes próprios, além de estarem sempre em trânsito, deslocando-se pelo mundo, a representação de questões históricas, sociais e econômicas que refletem o mundo contemporâneo, além da conexão entre as narrativas.

Ao lançarmos um olhar analítico e reflexivo sobre o romance *Os Substitutos* (2023), com foco no personagem “pai”, e sua trajetória no enredo; e, ao considerarmos o



tempo, o espaço e a sociedade, conseguiremos flagrar situações, reproduzidas pela narrativa ficcional, que poderão validar a classificação desse personagem como um possível colonizador de sua época. Para Bakhtin (2015, p. 122), a prosa ficcional:

[...] pressupõe uma sensação premeditada de concretude histórica e social e relatividade da palavra viva, de sua participação na formação histórica e na luta social; e ela toma a palavra ainda aquecida pelo calor da luta e das hostilidades, ainda não resolvida nem desintegrada pelas entonações e os acentos hostis, e nesse estado a subordina à unidade dinâmica de seu próprio estilo.

Em concordância com a afirmação de Bakhtin, conseguiremos observar na ficção brasileira de Carvalho, *Os Substitutos* (2023), um enredo que valida a sensação premeditada de concretude histórica e social, expondo uma complexa relação entre pai e filho, durante o período de ditadura militar brasileira, misturada a outras questões sociais, políticas, econômicas, pessoais e ambientais. Como referenda Candido (2006, p.177), em sua obra “Literatura e Sociedade”, na qual realiza um estudo sobre a correlação entre literatura e sociedade, “A literatura brasileira adquire consciência da sua realidade”. Dessa maneira, o romancista traz para este tempo contemporâneo, por meio da palavra viva, a reprodução de um tempo de hostilidades históricas que marcaram época no cenário brasileiro em sua prosa ficcional.

Nessa ficção, temos um plurilinguismo de vozes que, por meio da arte e técnica literária, Carvalho consegue (re)tratar uma ferida social e histórica, ainda aberta e latente na memória do povo brasileiro, e algumas das consequências produzidas pelo regime militar sobre a questão das terras ditas como devolutas na Amazônia. Nessa narrativa, o escritor abre espaço para abordar as consequências dessa ação histórica nacional sobre o projeto militar de desenvolvimento da Amazônia legal, amplamente financiado e fomentado pelo regime militar brasileiro da época. Projeto que ocasionou o desmatamento na Amazônia, o comércio ilegal de madeira, o extermínio dos povos originários, as disputas territoriais entre grupos históricos em busca do direito pela terra, além de outras hostilidades, todas resultantes desse processo histórico, social e atual.

O autor também abre espaço para refletir sobre questões existenciais como saúde mental, diversos tipos de preconceito, revolta, sentimento de culpa, quebras de contratos, temores sobre a vida e a morte, questões de gênero, sexualidade, religiosidade, questões ambientais, colonialismo, genocídio, feminicídio, a questão do duplo, racismo, xenofobia,



dentre outras, que suscitam diversos questionamentos, compõem o cenário contemporâneo, e geram mal-estar.

Ao abrir, em sua narrativa, esse espaço para indagações e reflexões, a partir da exposição e da experimentação da palavra, Carvalho vai ao encontro do que observa Bakhtin (2015, p.164), para quem:

O enredo romanesco deve organizar a revelação das linguagens sociais e ideológicas, sua exposição e sua experimentação: a experimentação da palavra, da visão do mundo e do ato ideologicamente fundamentado ou a exposição do ambiente dos universos e microuniversos sociais, históricos e nacionais [...] ou dos universos socioideológicos das épocas [...] ou das idades e gerações em relação com as épocas e os universos socioideológicos [...].

Ao se utilizar dessa técnica, Carvalho aplica uma série de procedimentos que revelam uma consciência questionadora, porém livre em seu fazer literário. Ao tematizar, no enredo de “Os Substitutos” (2023), várias situações conflitantes entre o documental e o ficcional, o imaginário e o real, ao mesmo tempo em que promove questionamentos para o mundo contemporâneo, Carvalho beneficia-se da liberdade do fazer literário.

No romance, temos a construção proposital e consciente do escritor, visando à fusão sintática dos híbridos intencionais que, segundo Bakhtin (2015, p.158), “No híbrido literário consciente e intencional participam duas consciências, duas vontades, duas *voces*, e, por conseguinte dois *acentos*”. A narrativa apresenta um hibridismo literário com a inserção de outros gêneros literários, como um diário e uma ficção científica, misturados com as memórias de uma fatídica viagem para a Amazônia.

Diante do exposto, o escritor beneficia-se da liberdade em seu fazer literário, descomprometido com o factual. E, conseqüentemente, torna-se livre para criar suas aventuras, como está explícito na epígrafe inicial deste artigo: tudo não passa de “invenção”.



2 Análise crítica e reflexiva da obra “Os Substitutos” (2023)

Alguém terá de pagar sempre. Muitas vezes esse culpado é um espelho invertido, por isso ele se confunde com a vítima, ele reflete os que o condenam mas que só veem a própria redenção.
(Bernardo Carvalho)

Em seu romance, Bernardo Carvalho instiga a curiosidade e produz alguns questionamentos, antes mesmo de iniciarmos a leitura dessa obra, desde a leitura do título “Os Substitutos”, tais como: Quem seriam os Substitutos? Os Substitutos do quê? Ou, ainda, Os Substitutos de onde?

A obra, *Os Substitutos* (2023), apresenta um enredo composto pelas memórias de uma confusa relação familiar entre “pai e filho”, em uma trama impetuosa e dramática, ambientada no Brasil, em pleno regime militar. Momento histórico em que os militares estavam prontos para leiloar a Amazônia e suas riquezas naturais, e, ainda, exterminar o que havia restado dos povos originários, os “Okano”.

A trama de *Os Substitutos* (2023) se desenvolve no tempo da ditadura militar, em meados dos anos 60, quando um pai e seu filho de onze anos embarcam em um bimotor para uma “aventura no inferno” (Carvalho, 2023, p.14). A companhia do filho não era por prazer, ou, mesmo por uma ação paternal, mas, sim, por imposição, uma vez que “O filho era o fardo que ele tinha que carregar por decisão judicial durante as férias escolares. Já devia dar-se por satisfeito de ter passado um mês fora, viajando com o pai” (Carvalho, 2023, p.70). O filho seguia viagem na companhia do pai, lendo seu livro preferido de ficção científica, “É uma ficção científica. (...) É a história de uma nave procurando um planeta onde a humanidade vai poder viver” (Carvalho, 2023, p.70). O “pai” talvez depositasse naquele filho o desejo de um sucessor ou um substituto, e a viagem poderia ser a introdução dele nesse universo:

Mais do que continuação, extensão ou complemento, esperava do filho um substituto e, inconscientemente, não descartava que essa substituição se desse por desvio e oposição. (...) esperava que o filho fosse tudo o que ele não tinha podido ser, como a promessa de qualquer criança, mas como contradição, para redimi-lo. Projetava no filho o contrário de si, como redenção (Carvalho, 2023, p.64).



O personagem ficcional, denominado “pai”, era um homem de cinquenta anos, que tinha dois filhos, era capitalista, inescrupuloso, irônico e sádico, que teve contatos privilegiados em Brasília, e se tornou dono de “milhares de alqueires de floresta e cerrado na Amazônia Legal, sete vezes o Liechtenstein, por uma ninharia!” (Carvalho, 2023, p.11). Bhabha (2010, p.147-148) observa que “[...] a interpelação autoritária, colonialista, nos termos do compromisso civil, dá ao sujeito da autoridade colonial - pai e opressor - uma outra direção”. Em concordância com a afirmação do autor, podemos verificar toda a interpelação autoritária do “pai” partindo da seguinte promessa:

[...] o homem de farda prometeu ao pai o paraíso. Já adulto manteria por anos, na escrivania de trabalho, o registro informal daquele dia, uma foto esmaecida na qual o pai exultante com o desfecho da reunião, o terno amarfanhado como o de mendigo, posava ao lado dele pequeno, os dois encostados na carroceria de um DKW solitário, parado junto do meio-fio, o gramado ralo sob o sol do Planalto Central, deixando exposta a terra vermelha até a miragem do Congresso ao fundo. O militar deve ter tirado a foto à saída do hotel (Carvalho, 2023, p.10).

No excerto anterior, temos o enquadramento do momento exato em que o personagem “pai” tem sua vida transformada, a partir da negociata, que lhe proporcionou (re)significar sua história de vida, uma vez que “[...] os militares estavam rifando a floresta” (Carvalho, 2023, p.12). Diante da proposta, o “pai” se transformou no mais novo empresário do ramo do agronegócio, um colonizador nato, que se ocupou em garantir seu vasto território, com direitos e deveres, mas com todas as facilidades propostas. Para os pioneiros dispostos a encarrarem essa missão havia um financiamento do governo para iniciar os trabalhos, tudo combinado na presença dos militares, ligados ao governo na sede do Distrito Federal, como se verifica no acordo firmado entre o militar e o “pai”:

O acordo previa uma comissão sobre o subsídio para a ocupação das chamadas terras devolutas. Por maior que fosse, continuava valendo a pena. Sem o militar, o pai jamais teria chegado às pessoas certas e nunca teria fechado negócio. Era a chance de uma vida. [...] Era pegar ou largar. E o pai não era de deixar passar uma oportunidade. O dinheiro, mesmo depois de descontada a comissão – e de adquiridas as terras, o bimotor e os bois -, ainda dava para abrir uma conta na Suíça, comprar o terreno no sonhado condomínio em São Paulo e erguer a casa [...] O acordo também previa contrapartidas subjacentes à aventura. Porque ali o pai vendia a alma, se é que tinha uma (Carvalho, 2023, p.23-24).



Era, então, a possibilidade de ascensão social e financeira para o “pai”, que já tinha características de um homem arrogante, ardiloso, e muito vaidoso, com o “cabelo repartido para o lado, com gomalina, [...] um cachimbo pendurado no canto da boca, enquanto conduzia de volta a mulher que tinha idade para ser sua filha, o filho fóbico do casamento anterior” (Carvalho, 2023, p.10). Além disso, ele tinha um caráter duvidoso e autoestima elevada, pois se orgulhava de si próprio, como é possível notar no seguinte trecho: “[...] costumava se gabar de que os santos saíam correndo da igreja toda vez que ele entrava mas que, antes de ser acusado de sádico ou diabólico” (Carvalho, 2023, p.14).

O personagem “pai” considerava-se destemido e obstinado, sua meta era realizar o seu novo projeto, desmatar e comercializar a matéria-prima extraída de suas terras, pois sabia que tinha objetivos traçados e muito interesse na abertura da área demarcada. Ele se sagrou pioneiro pela disponibilidade e o desejo interior de fazer parte de outra classe social:

Precisamos de homens como você. Pioneiros dispostos a assumir a parte heroica, viril, da nossa história. Desbravar esta terra antes que ela passe de virgem a puta. Vamos deflorar o que é nosso antes que nos roubem nossas riquezas. E renascer, está entendendo? Vamos crescer e nos multiplicar como Deus quer. Vamos domar a natureza com um exército de homens, mulheres e crianças. Você está me entendendo? Posso contar com você, não é? Posso confiar? (...) Estamos lhe oferecendo o paraíso. Tem que pensar na família, no futuro do menino (Carvalho, 2023, p.25).

No trecho anterior, o “pai” assume a missão de desbravar e desocupar a área adquirida, deixando espaço livre e aberto para a nova atividade econômica a ser implantada naquele território, tornando aquele local, improdutivo aos olhos do governo, muito produtivo com o novo projeto, gerando impostos com a produção e geração de renda. Observa-se que não existia nenhuma preocupação governamental com o meio ambiente, visto que seria degradada e alterada a topografia local daquela grande área, com a substituição de uma floresta em pé pela abertura de imensas fazendas, e a plantação do capim-colonião para criação de gado de corte.

Podemos flagrar no excerto que o discurso militar estava embasado em fundamentos evangélicos, fazendo referência a uma passagem bíblica, utilizada como palavra de autoridade divina, porém profundamente carregada e afetada da prática dominante no discurso do colonizador. Bakhtin (2015, p.22), em sua obra *Teoria do*



romance, esclarece que “[...] no romance, cada linguagem é um ponto de vista, um horizonte socioideológico dos grupos sociais reais personificados dos seus representantes.”

Diante do exposto, é possível fazer uma ponte com o que afirma Memmi (1977, p. 45):

Se o pequeno colonizador defende o sistema colonial com tanta firmeza, é porque é mais ou menos beneficiário dele. A mistificação reside no fato de que, para defender seus limitadíssimos interesses, ele defende outros infinitamente mais significativos, dos quais, por outro lado, é a vítima. Entretanto, ludibriado e vítima, também tira suas vantagens.

Portanto, os contemplados com a pechincha deveriam defender o sistema governamental, que fomentava e acreditava na potencialidade do colonizador; e este deveria ser ativo e destemido, um verdadeiro pioneiro disposto a desbravar, desmatar, explorar e comercializar as riquezas extraídas daquelas terras devolutas. O pai não perdeu tempo, tomou posse de toda autoridade que lhe fora conferida, e seguiu o planejamento e as regras do que havia sido proposto no acordo com os militares:

E foi no hangar onde o bimotor ficava estacionado que o menino ouviu, ainda sem compreender inteiramente, o desabafo do rapaz americano que estava ali para fazer negócios [...] que só um louco (talvez tivesse dito: só um imbecil) seria capaz de infligir ao filho de onze anos seis horas dentro daquela geringonça arremessada na direção do inferno; melhor não seria envolver uma alma inocente nos negócios (Carvalho, 2023, p.13).

Esse “pai” tinha o objetivo de garantir a extração e a comercialização da matéria-prima da Amazônia Legal, e não iria permitir que nada e ninguém atrapalhassem seu caminho e seus negócios. Como explicita Memmi (1997, p.43), o tripé que caracteriza e move um colonizador são: “Lucro, privilégio, usurpação -, estes três progressos da consciência do colonizador, vão moldar sua figura.” O “pai”, por sua vez, almejava este pilar, e para alcançar o lucro deveria dar o destino final para a madeira extraída na floresta, que já estava comprometida com estrangeiros, “o anfitrião brasileiro viajara para Oregon para lhes oferecer madeira de lei a preço de banana” (Carvalho, 2023, p.11); em outra passagem: “viajara para os Estados Unidos para negociar de antemão a madeira do desmatamento” (Carvalho, 2023, p.12); e, ainda, “Era a última etapa do périplo americano, que começara em Los Angeles e seguiria por San Francisco, Portland e Nova York, por razões em princípio estritamente profissionais, para negociar a madeira do desmatamento” (Carvalho, 2023, p.69).



Assumindo o papel de pioneiro, o “pai” descobriu os privilégios que esta nova identidade lhe proporcionou, um misto de privilégios, poder e prazer, ao tempo em que comercializava a matéria-prima:

A fazenda era um lugar de trabalho, uma circunstância e uma oportunidade inóspita, de onde ele procurava escapar, enquanto nos Estados Unidos os negócios conviviam alegremente com o prazer. Nessa distinção inocente e cega ele apenas reproduzia, sem querer, o racismo de uma vida inteira (Carvalho, 2023, p.177)

Para que os negócios continuassem dando certo, o “pai” deveria estar sempre pronto para eliminar qualquer possibilidade que viesse a atrapalhar o andamento do seu projeto de desmatamento na fazenda, pois a produção de madeira, negociada com o mercado exterior, não poderia sofrer atrasos. Para Bhabha (2010, p.127), “O discurso racista estereotípico, em seu momento colonial, inscreve uma forma de governamentalidade que se baseia em uma cisão produtiva em sua constituição do saber e no exercício do poder”. O “pai” era um homem profundamente racista, como podemos observar em algumas passagens, quando enuncia, por exemplo, “Índio é mentiroso” (Carvalho, 2023, p.123); e, ainda,

(...) Estavam hospedados no melhor hotel da cidade, uma espelunca de dois andares na praça central, onde uma índia passava a vida a pedir esmola, [...]. Foi o pai que lhe disse que ela era louca, tinha matado o marido e o filho, pondo a culpa no tamanduá (Carvalho, 2023, p. 123).

E, nessa fatídica viagem de bimotor com o filho, rumo à fazenda, em pleno voo do alto, ambos avistaram o que seria o maior desafio dessa viagem e os marcaria para toda vida, como foi reproduzido no trecho: “Que é que a gente vai fazer? Dar um susto nesses filhos da puta. Aproveita, porque vai ser único, o pai disse, fora de si, antes de enterrar o manche e mergulhar em voo rasante sobre a aldeia” (Carvalho, 2023, p. 99). Esse pioneiro teria que resolver o maior de seus problemas: o retorno dos povos originários a suas terras. Porém, a maneira de resolver tal questão seria em prol do desenvolvimento daquela região e com a validação do regime da época.

Observa-se, no trecho anterior, o prenúncio que o pai deixa implícito, quando afirma ao filho que “vai ser único”, não se importando de cometer tal atrocidade com os indígenas, e, ainda, sem demonstrar nenhuma preocupação com a presença do filho menor, age como se estivesse disciplinando o garoto. E, logo após:



Conforme despencavam, ele agarrado ao assento, o frio subindo por dentro das pernas até a boca do estômago, uma combinação de horror e prazer que ele conhecia tão bem e até buscava em outras ocasiões, os índios começaram a correr para dentro da mata. Tentando se salvar, os homens ajudando as mulheres, os velhos e as crianças, embora isso ele não pudesse distinguir lá de cima (Carvalho, 2023, p. 99).

Nota-se que o personagem “pai” não demonstra respeito pelos povos originários “Okanos”, e nenhum sentimento de compaixão para com os primeiros habitantes daquelas terras, os legítimos proprietários da terra, mas sentia prazer naquele ato atroz. Esta era uma guerra declarada que determinaria os verdadeiros substitutos daquela terra. Esta seria uma disputa pelo território e pelo domínio do homem branco e suas necessidades, impostas pelo capitalismo, contra os povos originários e sua história de vida e cultura, naquelas terras. Ao tratar da população colonizada, que se torna a causa e o efeito do sistema, Bhabha (2010, p. 127) esclarece que:

[...] a fantasia colonial não tenta encobrir aquele momento de separação. Ela é mais ambivalente. Por um lado, propõe uma teleologia - sob certas condições de dominação colonial e controle, o nativo é progressivamente reformável. Por outro lado, no entanto, ela efetivamente mostra a "separação", torna-a mais visível. E a visibilidade dessa separação que, ao negar ao colonizado a capacidade de se autogovernar, a independência, os modos de civilidade ocidentais, confere autoridade à versão e missão oficiais do poder colonial (Bhabha, 201, p.127).

Para o “pai” sua maior preocupação era cumprir seu contrato firmado com os militares, sendo sua função social colonizar. Afinal, o homem branco deveria dominar e limpar toda a área que lhe pertencia, legalmente e de fato, pois ele, o pai, fazia parte do projeto de colonização que deveria ocupar aquela área. Em hipótese alguma o projeto deveria ser interrompido, muito menos por um ato cultural de deslocamento de povos originários, aquela terra não seria mais a mesma, uma terra sem leis, pois perante o estado aquele território demarcado tinha um único proprietário, que era o “pai”.

Para Bhabha (2010, p.147), “Do ponto de vista do colonizador, apaixonado pela posse ilimitada, despovoada, o problema da verdade se transforma na difícil questão política e psíquica de limite e território”. O “pai” era um homem obstinado pela manutenção de sua propriedade, parecia não se importar muito com a possibilidade de se resguardar, mesmo quando vivenciava um problema de saúde, como quando foi acometido pela malária, doença típica da região amazônica, como vemos no trecho, a seguir:



Depois do ataque de malária em pleno voo, ao se aproximar de Barra do Almas, o bimotor despencando em pleno voo rasante sobre a aldeia indígena dava à miniatura um sentimento apaziguador mesmo para ele que, agarrado ao assento o frio subindo pelas pernas até a boca do estômago, testemunhava o pavor daquela gente vista do alto, em *plongée*, tão inumana e insignificante como insetos que corresse de um lado para o outro, fugindo de um imenso pé. Controle e morte andavam de mãos dadas. A coragem é o medo imposto aos outros. O mundo em suas mãos é uma potência de morte (Carvalho, 2023, p.185-186).

O “pai” era um homem manipulador não apenas nos negócios, mas também em seus relacionamentos afetivos e amorosos, casado com uma jovem que tinha idade para ser sua filha. O fato era que enteada e madrasta haviam cursado a graduação em arquitetura juntas, porém, o enlace com o “pai” desestruturou a relação entre as amigas. A madrasta gostava de literatura e ainda mantinha um diário de cabeceira que ela guardava como um segredo,

Ele e a mulher foram pioneiros no condomínio, mais pela insistência dele, à qual ela cedera sem pensar duas vezes, convencendo de que a vontade também era sua, já que estava apaixonada. Era impensável que, em menos de dois anos, por aquele mesmo caminho de cascalho, ele escaparia de carro aos tiros da esposa, moça católica de boa família, vinte anos mais jovem (Carvalho, 2023, p.12).

No trecho, a seguir, temos a cena da personagem “madrasta”, que, ao descobrir fatos ligados à vida psíquica e sexual de seu esposo, decide abreviar seu tempo de vida e comete suicídio, com uma arma que fazia parte de um arsenal pertencente ao seu esposo:

Por aquele mesmo caminho sinuoso seguiria também seu corpo num caixão lacrado, seis meses depois da fuga do marido, sob o sigilo da família carola que, disposta a tudo para encobrir o suicídio, recorreria ao eufemismo de um aneurisma para se referir ao tiro com o qual, o cano da espingarda que ele deixara para trás enfiado na boca, ela daria um fim à própria vida, estourando o tampo do crânio. Nada disso parecia possível naquele fim de tarde, (...). Era de todo improvável que, enquanto entretinha o casal de convidados, a jovem anfitriã suspeitasse da complexidade da vida psíquica e sexual do homem com quem vivia (Carvalho, 2023, p.13).

Após a morte de sua jovem esposa, o “pai” ficou ainda mais truculento no trato com as mulheres, e continuou a manter relacionamentos passageiros, “à exceção da herdeira do cimento e da cubana, justamente, que acabou lhe passando a perna quando ele menos esperava” (Carvalho, 2023, p.172). E, assim, “O amor o arruinou. Desfez-se de tudo. O acúmulo de contrariedades o levou a buscar, sexagenário, uma nova vida fora do Brasil. Saiu com a imagem chamuscada. Foi para Miami, comprou um veleiro e passou a viver de renda” (Carvalho, 2023, p.176). É possível observar, no decorrer desta análise, as diversas



formas de exploração que o personagem pai utiliza para benefício próprio, seja em relação às mulheres, aos negócios e, principalmente, aos colonizados.

Concordamos com Fanon (2008, p. 87), quando o estudioso aborda as diversas formas de exploração do colonizador, e enuncia que “Todas as formas de exploração se parecem. Todas elas procuram sua necessidade em algum decreto bíblico. Todas as formas de exploração são idênticas pois todas elas são aplicadas a um mesmo “objeto”: o homem”. Observa-se que o personagem “pai” utiliza de todos os artifícios e aproveita todos os benefícios que acumulou em sua missão de pioneiro, pois alguém terá de pagar sempre.

3 Algumas reflexões sobre o romance de Carvalho e o colonialismo

Sobre o romance *Os Substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho, observamos a fragmentação da voz narrativa que converge como modo de produção, por meio de uma pluralidade de vozes sociais. Estas, por sua vez, ecoam no romance, recriando temáticas, e promovendo reflexões inquietantes sobre questões históricas e sociais que afligem e angustiam seus contemporâneos.

Nesta análise, foram elencadas diversas características e fatos, citados por meio de trechos extraídos da narrativa; e, diante deles, podemos qualificar o personagem “pai” como um nato representante ficcional de colonizador no romance. Na obra, flagramos passagens que retratam o duplo privilégio de um colonizador que, ao tomar consciência de sua função, observa a existência do colonizado. E, ao assumir essa nova identidade, o personagem tem sua ação validada e resguardada por contribuir com um grande projeto governamental. Dessa maneira, sua atividade fica assegurada e o espaço livre para explorar e contribuir com interesses de outros, garantindo privilégios e dispondo de regalias, vivendo uma realidade para poucos.

Referências

ABDALA JUNIOR, B. **De voos e ilhas: literatura e comunitarismos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003. 312p. ISBN: 857480245.



Vol. 27, nº 2 (2024)

BAKHTIN, M. M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. 1. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BENJAMIN, W.; ROUANET, S. P. Trad. Obras escolhidas Volume I: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. 271. ISBN: 9788511156287.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Gláucia Gonçalves e Eliana Lourenço de Lima. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 395p. ISBN: 9788570418616.

FANON, F.; **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194p. ISBN: 9788523204839.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3. ed. Rio DE Janeiro: Paz e Terra, 1977. 127p.

PINTO, A. J. A.; ABDALA JUNIOR, B.; SILVA, A. R. **Esse entre-lugar da literatura: concepção estética e fronteira**. São Paulo: Arte e Ciência, 2013. 317p. ISBN: 9788582800270.

SAID, E. W.; BOTTMANN, D. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 564. ISBN: 9788535919516.